



O General Aricildes de Moraes Motta

Foto - Sgt Luís - Bibliex

A Revista DaCultura agradece a colaboração do Cel Art Eng Militar Ronaldo Braga de Oliveira, que nos enviou o texto de seu amigo, Gen Bda Motta, com o qual estreitou laços de amizade durante o período que conviveram juntos em Washington.

e o Projeto História Oral do Exército

Apresentação

Vivemos em um mundo no qual o presente e as emoções parecem valer mais que a história e a razão.

Por isso, mais do que nunca, devemos valorizar o fato histórico e ressaltar a importância da razão. O General Gleuber Vieira, Ministro do Exército, em 3 de maio de 1999, deu partida ao projeto denominado *História Oral do Exército na Revolução de 1964*. No objetivo geral do projeto estava acentuado: “O Projeto HOER 64” reveste-se de um caráter futurista com vistas a pre-

servar a história para que as próximas gerações dispõem de fontes fidedignas. Alguns meses mais tarde, em outubro de 1999, o Gen Gleuber, então Comandante do Exército, aprovava o projeto denominado *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (HOESGM)*, com o mesmo objetivo geral do anterior. Para coordenar a execução de ambos os projetos foi convidado o General de Brigada Reformado Aricildes de Moraes Motta.

O Projeto

A fim de cumprir essa honrosa missão, tanto significativa quanto meritória para a nossa instituição, devidamente autorizado, solicitei o concurso de diletos companheiros para a condução (coordenadores regionais) dos trabalhos que se afiguravam, até então, inéditos em nossa história militar. Passo a citá-los: Gen Div João Carlos Rotta (RS), Gen Bda Geraldo Luiz Nery da Silva (RJ e MG), Cel Ilo Marques de Barros Barreto (PE), Cel Tarcísio dos Santos Vieira (CE), Cel José Gustavo Petito (SP), Cel Roosevelt Santana (BSA-DF) e Cel Aurélio Cordeiro da Fonseca, assistente da coordenação geral.

Em onze de julho de 2000, seis meses após o início das atividades relacionadas aos projetos da “Guerra” e da “Revolução”, o Comandante do Exército, Gen Gleuber, aprovou o projeto denominado “*HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO*”, com o objetivo de preservar os fatos significativos da História Contemporânea do Exército em todas as áreas.

Sobre a História Oral, que alguns consideram uma técnica, outros uma metodologia ou mesmo uma disciplina, para nós, foi um valioso instrumento que utilizamos para levantar os fatos da história de nossos dias, relacionados às organizações do Exército Brasileiro. Os projetos anteriormente citados, por bem-sucedidos, motivaram o prosseguimento das tarefas de história oral, por mais de uma década; por seu intermédio, cresceram as pesquisas, maiormente calcadas na evolução e no dinamismo das organizações castrenses, bem como em destacadas lideranças militares e civis.

Aqueles companheiros das primeiras jornadas, bem como os que os sucederam: Gen Bda Leslie Antonio Alcoforado; Cel Art Paulo Elísio Battouli; Cel Engº Químico Sérgio Stanisck Reis; além do Gen Bda Geraldo Nery da Silva, que trabalhou todo o decênio, como eu, todos atilados e competentes gerentes de projetos, com invejável competência e descortino, ultrapassaram os naturais obstáculos que empreendimentos de pesquisa, com base na história oral, costumam oferecer. Trilharam, segura e confiantemente, mercê de aplicados estudos e incedível devotamento, as diferentes etapas que materializam os trabalhos de história oral, tais como seleção e abordagem primária de temas a desenvolver, especificação das prescrições metodológicas, formação de colônias e redes, realização de entrevistas em



Gen Gleuber Vieira

múltiplas facetas, transcrições e textualizações, revisões e reparos de textos para as publicações de livros.

O homem faz a história, pois é sua razão principal. Com esse lema, *Jay Luvaas* acentua que a História tem início com a História Militar, do que decorre a importância do estudo desta última, e lembra que as guerras da Idade Clássica constituíram tema popular para o historiador. Entretanto, somente em nossos dias, a História Militar tem logrado merecer um lugar nos currículos da maioria dos institutos de ensino superior. No Brasil, o interesse acadêmico ainda se manifesta de forma incipiente e, no Exército Brasileiro, ao longo dos anos, o caminho percorrido tem-se mostrado bastante irregular. Mesmo seguindo essa trajetória de altos e baixos, aplicados pensadores castrenses contribuem para que as mais destacadas passagens da história da Força Terrestre sejam alvo de cuidadosa atenção, no sentido de fixar, objetivamente, essas vivências especiais.

Devemos reconhecer que a facilidade de acesso às informações amplia as áreas de interesse para a atualização do conhecimento e fortalece a convicção de que o avassalador crescimento da ciência e da tecnologia torna o estudo do passado irrelevante. Não poucas vezes, constata-se um crescente desinteresse pela utilização da experiência histórica, embora aqui e ali possam ocorrer tentativas esporádicas, no intuito de criar uma nova tendência que reverta o processo em curso, porque uma tal negligência, se assim caracterizada, cobraria um alto custo à Instituição Militar. Por isso, é

impositivo insistir na execução de atividades que tenham como único propósito reduzir a História Militar ao lugar devido na hierarquia das realizações importantes para o nosso Exército.

No campo da Historiografia Militar, nem sempre é aconselhável ocupar-se somente dos tópicos operacionais; sua abrangência deve alcançar os acontecimentos que envolvam aspectos técnicos e administrativos da conduta profissional e aqueles que retratem a interação com os atores dos diferentes segmentos da sociedade. Com esse entendimento, a partir de 1999, a História Oral rompe as amarras dos estudos históricos tradicionais, em nosso Exército, e assume lugar de destaque entre as iniciativas capazes de preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas.

Já se disse que a História Oral comporta-se como uma via de acesso privilegiada por onde desfila toda uma série de realidades que raramente aparecem em documentos escritos. Por intermédio da oralidade, pode-se, com bastante clareza, conhecer todos os caminhos percorridos no processo decisório. Utilizando-se essa técnica moderna de construção da História, coletam-se depoimentos pessoais sobre temas diversos e recuperam-se informações sobre passagens importantes do amplo espectro da vida profissional. Depois de organizados, os acervos assim criados abrem-se num campo fértil de trabalho, rico manancial posto à disposição de estudiosos e pesquisadores voltados para seus exames.

Mas sempre estive no campo das preocupações dos responsáveis por sua implementação que os projetos de História Oral não se cingissem somente aos fatos relatados e a determinados princípios eventualmente discutidos. Iria além no acurado estudo do processo histórico de que tivesse participado a Força Terrestre, especialmente pela importância dos acontecimentos e sua influência na trajetória institucional do Exército.

Ao encerrarmos, nesta data, as nossas atividades, aos companheiros do Centro de Estudos e Pesquisas em História Militar do Exército, deixamos como legado onze projetos, quatro dos quais já terminados e sete em desenvolvimento:

Foram 1056 entrevistas realizadas e, em sua maioria, transcritas. Cerca de 150 textualizadas.

Neste momento, ao encerrarmos nossos trabalhos na História Oral do Exército, cabe-nos dizer:

“Nisi utili quod facimus, estulta gloria”.

(Se o que fizemos não é útil, estulta glória).

Ao agradecer a atenção de todos, encerrarei esta intervenção com as palavras do poeta mineiro, Murilo Mendes:

Ontem sou, Hoje serei, Amanhã, fui.

Assinado: Gen Bda Ref Aricildes de Moraes Motta,

Rio de Janeiro, RJ, 30/11/2010.



Curriculum Vitae

O Gen Bda Aricildes de Moraes Motta nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 29 de Novembro de 1930.

Foi aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro e concluiu o curso da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em 1952, quando foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Artilharia.

Como oficial subalterno fez o curso de Artilharia Antiaérea.

Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 1963, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) de 1966 a 1969.

Foi instrutor da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea e da ECEME (1973 a 1975).

Em Washington (USA), ainda como coronel, foi nomeado adjunto (ADIEx) da Embaixada do Brasil.

Em 31 de Março de 1986, foi promovido a General de Brigada, quando foi designado Comandante da 1ª Brigada de Infantaria Motorizada. Exerceu ainda, o Comandou ainda a ECEME de 1988 a 1989.

Ao passar para reserva, participou e coordenou o projeto História Oral do Exército e foi Presidente do Conselho Deliberativo da Biblioteca do Exército (Bibliex).

Faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de janeiro de 2016.